

As bases da religião natural em Voltaire

The foundations of natural religion in Voltaire

Vladimir de Oliva Mota*

Resumo: O que aqui se pretende é indicar os traços gerais da ideia de Deus em Voltaire, aqueles que permanecem inalterados ao longo de sua obra e que contribuem para esclarecer os vínculos entre a noção de Deus e de Moral em Voltaire, servindo, assim, de base teórica ao seu combate pela religião natural.

Palavras-chave: Voltaire, Deus, moral, religião.

Abstract: The intention here is to indicate the general features of the idea of God in Voltaire, those that remain unchanged throughout its work and that contribute to clarify the links between the concept of God and morals in Voltaire, thus serving as the theoretical basis to his battle for a natural religion.

Keywords: Voltaire, God, morals, religion.

Durante toda sua vida, Voltaire reflete sobre questões concernentes à divindade. Suas ideias sobre Deus mantêm-se as mesmas, em seus aspectos mais importantes, do seu *Le vrai Dieu* de 1715 até o *Il faut prendre un parti* de 1775, passando pelo *Tratado de metafísica* de 1734; texto este singular e incontornável para a investigação sobre Deus em Voltaire, pois, diferentemente de todos os outros textos do filósofo, o fato de o *Tratado* não ter sido escrito para a publicação, tampouco para a circulação clandestina, dá a esse texto uma precisão maior na posição voltairiana acerca da divindade porque se furta à necessidade da polêmica, levando seu autor inclusive a avaliar posições defendidas em textos anteriores e posteriores, embora não as negando.

Em 1766, Voltaire confessa, em *O filósofo ignorante*, que a experiência e longas reflexões levam apenas a ideias fracas sobre o corpo, o espaço, o tempo, o infinito e

* Doutor em Filosofia (USP) e Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais e Design da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil. Contato: deolivamota@hotmail.com

mesmo sobre Deus¹. De posse desse método, os sessenta anos de reflexão, que separam o primeiro do último escrito de Voltaire sobre Deus, expõem a permanência de dois caminhos à compreensão da existência da divindade. Ele recorre a duas provas verossímeis – pois não há demonstração nesse âmbito, pensa o filósofo – para afirmar a existência de Deus, a saber: Deus como ordenador do mundo – nesse sentido, o responsável por estabelecer uma finalidade para o universo – e Deus como primeiro motor – a causa primeira de tudo o que existe. Em ambas as perspectivas – que não são excludentes, ao contrário, elas se somam –, Deus sempre se encontra distante dos homens – a estes só cabe se submeter. É a partir dessa perspectiva que Voltaire pretende uma reforma cosmopolita que substitua as religiões institucionais, fundadas em dogmas particulares, pela “religião natural” em conformidade com a razão².

A obra de Voltaire concernente à investigação sobre Deus mantém o essencial. Ele conclui o seu *Tratado sobre a tolerância*, de 1763, com a célebre “Oração a Deus”, texto no qual expõe, brevemente, a síntese do que pensa a respeito de Deus e da religião, que servirá de guia para introduzir a presente exposição:

Não é mais aos homens que eu me dirijo; é a ti, *Deus de todos os seres, de todos os mundos, de todos os tempos. Se for permitido a fracas criaturas* perdidas na imensidão e imperceptíveis ao resto do universo, *ousar te pedir algo*, a ti que tudo deu, a ti cujos decretos são imutáveis e eternos, digna-te olhar com piedade os erros decorrentes de nossa natureza; que esses erros não sejam a causa de nossas calamidades. *Não nos deste um coração para nos odiarmos e mãos para nos matarmos*. Faz com que nos ajudemos mutuamente a suportar o fardo de uma vida difícil e passageira³.

¹ Cf. VOLTAIRE, *Le philosophe ignorant*, p. 864.

² Aqui não se fará referência a um segundo discurso de Voltaire sobre Deus, aquele no qual Deus é apresentado como “remunerador” das boas ações da humanidade e “vingador” das más. Esse discurso é dirigido a um grande número de homens que não têm a menor ideia das dificuldades da metafísica tampouco da tradição filosófica – o espírito pragmático de Voltaire lhes dá razão –, que com dificuldade liberta-se do fanatismo e, por esse motivo, têm a necessidade da ideia de um Deus mais em conformidade com a razão para fixar o progresso dos costumes. Trata-se de um discurso circunstancial porque dirigido a um público específico e que não corresponde aos fundamentos de sua ideia voltairiana de Deus, mais uma razão para tal discurso não constar no presente trabalho. A esse respeito, ver: MOTA, *Voltaire e o duplo discurso sobre Deus*.

³ VOLTAIRE, *Traité sur la tolérance*, p. 638, grifo nosso.

1 – “Deus de todos os seres, de todos os mundos, de todos os tempos”: provas da existência de Deus

a) Deus como ordenador do universo

Nos *Elementos da filosofia de Newton*, de 1738, o autor defende a necessidade de se recorrer a Deus para explicar o princípio das coisas, embora os problemas que dizem respeito à natureza não exijam tal recurso. Portanto, a ideia de que não se deve recorrer a Deus em filosofia só se aplica para as coisas que podem ser explicadas por causas físicas próximas. Todavia, diz o filósofo: “O mesmo não ocorre com os primeiros princípios das coisas. Neste caso, não recorrer a Deus é ser ignorante, pois, ou absolutamente não há Deus, ou não há primeiro princípio a não ser em Deus”⁴.

O encontro de Voltaire com o pensamento de Newton – mas não só o de Newton⁵ – foi primordial para a consolidação da ideia de Deus do filósofo francês. Sua investigação incessante sobre a divindade foi apaziguada pela descoberta de um Ser superior, organizador do cosmo. Nas palavras de Leroux: “No Deus de Newton, ele reconhecia um ser infinito e onipotente que, em sua livre vontade e em sua grande sabedoria, compôs um universo uniforme e admiravelmente ordenado”⁶.

No *Tratado de metafísica*, mais especificamente, no capítulo intitulado “Sumário das razões em favor da existência de Deus”, Voltaire aponta para duas maneiras de se chegar à noção de um ser que preside o universo. A primeira, ele apresenta como a mais natural e mais fácil ou, para usar sua expressão, “a mais perfeita para as capacidades comuns”⁷, que é considerar a ordem que existe no universo e o fim a que cada coisa se reporta. Em seguida, por analogia, explica: “Quando vejo um relógio cujo ponteiro marca as horas, concluo que um ser inteligente arranjou as molas dessa máquina afim de que o ponteiro marcasse as horas”⁸. Nos *Elementos da filosofia de Newton*, o filósofo explica que a experiência mostra que não há na matéria propriedades que podem se originar da natureza da própria matéria – por exemplo, a gravitação, a direção dos

⁴ VOLTAIRE, *Elementos da filosofia de Newton*, p. 61.

⁵ Sobre as influências sofridas acerca da ideia de Deus em Voltaire, ver, por exemplo, a carta que escreve a Formont, de 15 de agosto de 1733, na qual seu autor expõe aproximação e distanciamentos de autores que contribuíram na construção de sua perspectiva da divindade.

⁶ LEROUX, *Un Dieu rémunérateur et vengeur comme fondement de la moral*, p. 740.

⁷ VOLTAIRE, *Traité de métaphysique*, p. 162.

⁸ *Ibidem*.

planetas, etc. –, e sim ter uma origem que lhe é exterior, a saber: Deus. Voltaire é mais claro ao dar um exemplo que prova a necessidade de um ser inteligente para arranjar o universo tal qual ele está arranjado:

Se a matéria gravita, como está demonstrado, não gravita por sua natureza do mesmo modo como é extensa por sua natureza: logo ela recebeu de Deus a gravitação. Se os planetas giram em um sentido em vez de outro [...] a mão de seu criador dirigiu, portanto, seu curso neste sentido com uma liberdade absoluta⁹.

Nessa mesma obra, o autor explica ainda por que razão alguns filósofos não consideram a prova de Deus a partir da constatação da ordem do mundo. Para Voltaire, a experiência fornece o argumento de prova da existência de Deus. Para ele, os desígnios infinitamente variados, que se revelam em toda parte do universo, constituem uma prova que, ataca Voltaire, “por ser sensível [e não uma prova metafísica] é quase desprezada por alguns filósofos”¹⁰.

Voltaire atribui tanta evidência ao argumento à ordem do mundo, segundo a qual toda obra exige um obreiro, ao ponto mesmo de dizer, em *O filósofo ignorante*, que sua prova é palpável: “Nós somos certamente a obra de Deus, é o que me é útil saber, tanto quanto sua prova é palpável”¹¹. Nessa obra, Voltaire, mais uma vez, expõe seu argumento da ordem do mundo, que agora adquiri, aos seus olhos, o caráter de axioma, da seguinte forma:

Eu julgo incontinentemente que se as obras dos homens, mesmo as minhas, forçam-me a reconhecer em nós uma inteligência, eu devo nisso reconhecer uma bastante superior agindo na multiplicidade de tantas obras. [...] Nada destrói em mim esse axioma: toda obra demonstra um obreiro¹².

Mesmo em seus últimos escritos sobre Deus, o argumento da ordem do mundo mantém-se. No *Il faut prendre un parti*, Voltaire se propõe, conforme promete, examinar seriamente e de boa fé se há um Deus, pois tal questão interessa, julga o

⁹ *Elementos da filosofia de Newton*, p. 26.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Le philosophe ignorant*, pp. 54-55, grifo nosso.

¹² *Ibidem*, p. 51.

filósofo, a todos. Portanto, não se trata, para usar sua expressão, de uma “bagatela” saber se há ou não um Deus.

Voltaire inicia sua investigação por constatar que tudo está em movimento na natureza e se pergunta: “Qual é o princípio dessa ação universal?”¹³. Seu raciocínio o leva à ideia de que é necessário que esse princípio seja único, porque a uniformidade constante nas leis que dirigem o universo indica um só motor. Assim explica:

Se houvesse dois [motores], eles seriam ou diversos, ou contrários, ou semelhantes. Se diversos, nada se corresponderia; se contrários, tudo se destruiria; se semelhantes, é como se não houvesse senão um, seria um duplo emprego. Confirmando-me nessa ideia de que não pode existir senão um só princípio, um só motor, desde que eu preste atenção às leis constantes e uniformes da natureza inteira¹⁴.

Esse argumento arrasta o filósofo a admitir, necessariamente, que há uma inteligência universal, eterna e onipotente, “que age sempre por leis invariáveis”¹⁵. Parece-lhe evidente também que esse princípio universal tem uma vontade e que, por isso, age livremente, pois, pergunta: “Como agir e formar tudo sem querer o formar?”¹⁶. Sem essa vontade, esse ser seria uma pura máquina e esta suporia um outro primeiro princípio, um outro motor. Conclui: “É necessário, acerca disso, sempre voltar a um primeiro Ser inteligente, qualquer que ele seja”¹⁷.

b) Deus como primeiro motor

Quanto à segunda maneira de se chegar à noção de um ser que preside o universo, Voltaire a considera “mais metafísica” e, por essa razão, menos feita para ser apreendida pelos espíritos grosseiros. Porém, ela tem uma vantagem, a saber, ela conduz a conhecimentos mais vastos. Deus é o primeiro motor, a causa primeira do mundo, este é o cume da metafísica voltairiana, isto é, Voltaire não ousa voos mais altos. Eis a argumentação do filósofo, pressupondo o princípio lógico da causalidade:

¹³ *Il faut prendre un parti*, p. 370.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 370-371.

¹⁵ *Ibidem*, p. 371.

¹⁶ *Ibidem*, p. 376.

¹⁷ *Ibidem*.

Eu existo, portanto algo existe. Se algo existe, existiu, portanto, de toda eternidade; pois o que é ou é por ele mesmo ou recebeu seu ser de um outro. Se é por ele mesmo, é necessariamente e é Deus; se recebeu seu ser de um outro e esse segundo de um terceiro, aquele de quem esse último recebeu seu ser deve necessariamente ser Deus. Pois não se pode conceber que um ser dá o ser a um outro se ele não tem o poder de criar; além disso, se você diz que uma coisa recebe, não digo a forma, mas sua existência, de outra coisa, e essa de uma terceira, essa terceira de outra ainda e, assim, remontando ao infinito, diz uma absurdidade. Pois esses seres então não terão nenhuma causa de sua existência. Tomados todos juntos, eles não terão nenhuma causa externa de sua existência; tomado cada um em particular, eles não terão, para ela, nenhuma causa interna, isto é: tomados todos juntos, eles não devem sua existência a nada; tomados em particular, nenhum existe por si mesmo; portanto, nenhum pode existir necessariamente¹⁸.

Voltaire diz ser seduzido a confessar que há um ser que existe necessariamente por ele mesmo de toda eternidade e que é, por essa razão, a origem de todos os outros seres. Deus como primeiro motor é o responsável pelas leis universais, “por conseguinte, toda a natureza, desde a estrela mais distante até o pedacinho de erva, deve estar submetida ao primeiro motor”¹⁹.

Nos *Elementos da filosofia de Newton*, Voltaire aponta para a possível oposição ateia, segundo a qual, o argumento tirado da sucessão dos seres – que leva necessariamente à ideia de um ser primeiro, de uma causa primeira – prova pouco porque, para o ateu, não há uma pluralidade de seres, não há diversas substâncias, mas considera que há apenas uma única substância. Esclarece Voltaire a posição ateia: “O universo é um todo, existindo necessariamente, que se desenvolve sem cessar. É um mesmo ser, cuja natureza é a de ser imutável em sua substância, e eternamente variado em suas modificações”²⁰. Por essa razão, não poderia haver seres produzidos. O ateu fundamenta seu raciocínio, contra o argumento da causa primeira, no axioma que afirma que nada pode vir do nada e, dessa forma, tudo é eterno e necessário, assim o argumento da causa primeira seria ilógico. Diante de tal impasse, Voltaire responde:

Seria preciso, pois, combatê-lo [o ateu] com outras armas; provar que a matéria, por si mesma, não pode ter nenhum movimento; fazer com que entenda que, se a matéria tivesse o menor movimento por si

¹⁸ *Traité de métaphysique*, p. 163.

¹⁹ *Ibidem*, p. 169.

²⁰ *Elementos da filosofia de Newton*, p. 27.

mesma, este movimento lhe seria essencial. Então a existência do repouso seria contraditória²¹.

Contudo, o próprio Voltaire indica a réplica atea: o repouso, para o ateu, é uma ficção, uma matéria infinitamente fina circula em todos os poros dos corpos, existem sempre forças motrizes na natureza, essas forças são necessárias. Em sendo assim, pensa Voltaire, será preciso recorrer a ainda outras armas contra os ateus e a discussão poderá se prolongar. Apesar de persuadido da existência de um Deus, o debate, por permanecer no âmbito da metafísica, não havendo uma demonstração propriamente dita, não terá fim! Por essa razão, Voltaire associa-se à tese, e a difunde, tese que lhe parecerá mais convincente aos olhos do seu leitor, a saber, a da ordem do mundo: “não sei se existe uma prova metafísica mais impressionante e que mais forte fale aos homens do que essa ordem admirável que existe no mundo”²².

Voltaire não nega que sua defesa da existência de Deus gera uma série de dificuldades, mas essa hipótese torna-se verossímil porque, após muito refletir e levar em consideração os argumentos que lhe são contrários, conclui que a negação da existência da divindade produziria ainda mais dificuldades lógicas, seria, portanto, inverossímil, um absurdo. Conclui Voltaire:

Depois de ser assim arrastado de dúvida em dúvida, de conclusão em conclusão até poder ver a proposição *há um Deus* como a coisa mais verossímil que os homens podem pensar e após ter visto que a proposição contrária é uma das mais absurdas, parece natural investigar que relação há entre Deus e nós²³.

Essa ideia permanece e é retomada nos *Elementos da filosofia de Newton* nos seguintes termos: “No sistema que admite um Deus, temos apenas algumas dificuldades para superar, e em todos os outros sistemas temos que engolir absurdos”²⁴. Todavia, a questão essencial ainda não foi colocada: Deus ordenador do cosmo e causa primeira dos seres – qual a relação que a divindade possui com os homens, que se encontram a uma distância infinita da divindade?

²¹ Ibidem, p. 27.

²² Ibidem.

²³ *Traité de métaphysique*, p. 171, grifo do autor.

²⁴ *Elementos da filosofia de Newton*, p.29.

2 – “Se é permitido a fracas criaturas [...] ousar te pedir algo”: Deus distante dos homens

Não obstante a ausência de uma demonstração propriamente dita das provas recolhidas por Voltaire da existência de Deus – apesar de, em algumas circunstâncias, o filósofo levar seu leitor a admitir tal demonstração, o que na maioria dos textos permanece é que se trata de uma prova verossímil cujos indícios estão na experiência e no raciocínio –, ele reconhece que essas mesmas provas levam a uma ideia da divindade fora do alcance de suas criaturas. Assim, ele declara no *Tratado de metafísica*: “é preciso que haja, fora de nós, um ser infinito, eterno, imenso, onipotente, livre, inteligente”²⁵. Desse Deus inacessível só é possível conhecer sua existência e não seus atributos e sua essência, pois, diz o filósofo: “eu não fui feito para compreendê-los”²⁶.

Várias passagens de sua obra retomam a ideia de um Deus inalcançável pela razão humana, que, todavia, exige sua existência. Essa perspectiva provoca uma consequência lógica, pensa Voltaire, na relação entre Deus e o homem, a saber: tendo Deus criado ou arranando o universo, o homem não possui o estatuto de ser privilegiado, como diz Voltaire nas *Cartas filosóficas* de 1734, o homem “vem ao mundo como os outros animais”²⁷. Trata-se, pois, de mais um ser, entre tantos outros, saído das mãos divinas. Nesse sentido, assim como os outros, o homem está submetido a uma Providência que em circunstância nenhuma é particular, mas geral, pois não parece lógico que Deus organizador do universo romperia com a organização do cosmo – ou, nas palavras de Voltaire, com a “profunda matemática que governa o curso dos astros”²⁸ – para atender aos interesses de uma única criatura. Assim Voltaire sintetiza seu argumento, entre outros textos, em forma de versos no *Poème sur la loi naturelle*:

Soit qu’un Être inconnu, par lui seul existant,
Ait tiré depuis peu l’univers du néant;
Soit qu’il ait arrangé la matière éternelle;
Qu’elle nage en son sein, ou qu’il règne loin d’elle;

²⁵ *Traité de métaphysique*, p. 166.

²⁶ *Ibidem*, p. 168.

²⁷ *Lettres philosophiques*, p. 106.

²⁸ *Ibidem*, p. 66.

Que l'âme, ce flambeau souvent si ténébreux,
 Ou soit un de nos sens ou subsiste sans eux;
 Vous êtes sous la main de ce maître invisible²⁹.

3 – “Não nos deste um coração para nos odiarmos e mãos para nos matarmos”: religião natural

Voltaire fez da luta contra o cristianismo um dos maiores casos de sua vida, desde as primeiras obras, como a *Épître à Uranie*, aos últimos escritos sobre Deus, o filósofo sempre se mantém implacável na luta contra a “infame”. Ao mesmo tempo em que combate padres e devotos fanatizados, ele reverencia a natureza e seu arquiteto, afastando, assim, o Deus da Revelação e da Encarnação em defesa de um Deus da razão.

Voltaire opõe a religião natural à ortodoxia dominante. Isto é, contra a ideia de um Deus revelado, anunciado, que se faz carne e habita entre os homens, o filósofo insiste no argumento segundo o qual o que interessa é que um Deus, dado pela razão, é a causa primeira da possibilidade humana de conduzir-se corretamente em sociedade porque, em síntese: Deus não “deu um coração para odiar e mãos para matar”.

Consciente do limite do conhecimento no âmbito da metafísica, Voltaire passa da discussão da verossimilhança acerca da sua existência – mantendo, assim, a discussão aberta por toda sua vida –, para outra abordagem do problema de Deus: agora, o filósofo concentra-se no vínculo entre a ideia de uma divindade, causa e ordenador do mundo, e a ação humana em sociedade; em uma palavra, a laço entre Deus e o homem é de caráter moral.

Uma das marcas características do Iluminismo francês é a luta face à religião, e Voltaire foi um dos líderes dessa empreitada. Com sua conhecida expressão *écrasez l'infame* (esmagai a infame), exibida ao final de algumas de suas correspondências, Voltaire direcionava sua energia na batalha contra o que impossibilitava a liberdade e felicidade dos homens. Imbuído de libertar o indivíduo do que impede seu bem-estar particular e coletivo, ele diz ser preciso esmagar toda superstição e todo fanatismo praticados pelas Igrejas constituídas, que geram intolerância ante a opinião divergente,

²⁹ “Seja que um ser desconhecido, por ele mesmo existente, / Tirara há pouco o universo do nada; seja que ele arranjava a matéria eterna; / Que ele nade em seu seio ou reine longe dela; / Que a alma, essa chama frequentemente tenebrosa, / Ou seja, um de nossos sentidos ou subsista sem eles; / Você está sob a mão desse mestre invisível” (*Poème sur la loi naturelle*, p. 275).

levando os homens a se perseguirem, provocando guerras sangrentas; a infame é a ignorância que conduz a humanidade a práticas cruéis e mantém preconceitos do passado³⁰. Todavia, como explica Cassirer, não é a fé que Voltaire combate, mas a superstição, “não a religião, mas o uso solerte que dela faz a Igreja”³¹.

Face à inegabilidade do mal moral, Voltaire adere a um compromisso, próprio das Luzes, que, explica Cassirer³², impõe-se tanto em teoria quando no plano moral. O mal moral é inegável e a sua causa é a fraqueza humana, suas paixões:

Não podemos escapar ao mal, nem podemos extirpá-lo. Mas devemos deixar o mundo seguir seu curso [...] e adotar nele uma posição tal que nunca possamos deixar de lutar contra ele: pois essa é a fonte de toda a felicidade de que o homem é capaz³³.

Segundo Voltaire, a humanidade nasceu para a ação: “Não se ocupar e não existir é, para o homem, a mesma coisa”³⁴. Neste sentido, o pensamento de Voltaire seria uma especulação vã, um conhecimento inútil, se não contivesse uma moral, uma regra de conduta da vida. Associando religião e moral, Voltaire luta pelo estabelecimento de uma religião natural, isto é, uma religião fundada nas leis naturais inscritas nos homens por Deus³⁵. Essa religião é assim definida pelo filósofo: “entendo por religião natural os princípios de moral comuns ao gênero humano”³⁶.

O filósofo pretende instaurar uma reforma religiosa cosmopolita, pois, se Deus não deu regras para o homem conduzir-se, só a partir de uma ideia racional do Ser que preside o universo é possível pensar leis para os homens. A religião denominada doravante de natural possibilitaria o progresso moral porque não mais se buscaria os sentimentos necessários à sociedade numa transcendência ininteligível, inacessível, porque estes se encontram já, como disposição, nos homens. Voltaire é contundente no *Tratado sobre a tolerância* acerca desse aspecto:

Aqueles que têm a necessidade da religião [aqui o autor refere-se às religiões institucionalizadas] para serem pessoas honestas são

³⁰ Cf. SOUZA, *Voltaire: a razão militante*, pp. 6-7.

³¹ CASSIRER, *A filosofia do Iluminismo*, p. 189.

³² Cf. *Ibidem*, p. 205.

³³ *Ibidem*, p. 206.

³⁴ VOLTAIRE, *Lettres philosophiques* (In : *Mélanges*), p. 119.

³⁵ Cf. *Poème sur la loi naturelle*, p. 275.

³⁶ *Elementos da filosofia de Newton*, p. 43.

lamentáveis; é preciso que fossem monstros da sociedade se não encontrassem neles mesmos os sentimentos necessários a essa sociedade e fossem obrigados a tomar emprestado alhures o que deve se encontrar em nossa natureza³⁷.

O objetivo de Voltaire é colaborar para provocar o que ele chamou no *Sermão dos cinquenta*, de 1762, de uma “feliz mudança”, a saber: substituir a religião institucionalizada, responsável por tanta intolerância, tantas pilhagens e assassinatos em nome de Deus, por um culto sábio e simples de uma religião natural, pois “a religião deve ser conforme a moral e universal como ela”³⁸; com efeito, esta religião possibilitaria mais proibição sobre a terra. Nesse *Sermão* é possível extrair uma ideia de tolerância que não significa uma atitude lassa em relação às questões religiosas, pois isso se traduz no pensamento voltairiano como indiferentismo puro e simples³⁹. Por essa razão, Voltaire utiliza-se nesse *Sermão*, como talvez em nenhum outro texto, uma linguagem violenta contra a “seita cristã”. Para Voltaire, o valor da religião encontra-se na ação, assim, não é possível decidir acerca do seu valor pondo de lado a eficácia moral e, por essa razão, Voltaire ataca os textos bíblicos a partir da perversidade contida nesses escritos. Para o filósofo, não se encontram no *Antigo Testamento* senão “dardos contra a pureza, a caridade, a boa-fé, a justiça e a razão universal, que não só achamos em cada capítulo, mas que, para cúmulo da desgraça, encontramos aí consagrados”⁴⁰. Voltaire se posiciona, então, contra as perseguições em nome da religião, contra os crimes cometidos em nome de Deus, pois jamais o senso comum foi ofendido com tanta indecência e furor quanto, pensa o filósofo, no *Antigo Testamento*. Quanto ao *Novo Testamento*, este nada mais é do que a sequência do *Antigo*. A religião cristã, diz Voltaire, é a fonte de divisões, guerras civis e crimes, faz correr sangue e está dividida em diversas seitas inimigas nos cantos da terra onde reina. A seita de Jesus subsiste e, conclui o filósofo, “o fanatismo aumenta, [...] não há artifício, fraudes, imposturas que os nazarenos não os transformaram em obra”⁴¹. O edifício do cristianismo foi elevado

³⁷ *Traité sur la tolérance*, p. 202.

³⁸ *Sermão dos cinquenta*, p. 225.

³⁹ O problema colocado aos defensores da tolerância, a saber: “como tolerar o intolerante?”, não deixou de ser abordado por Voltaire, como é possível verificar no seu *Tratado sobre a tolerância*. Acerca dessa questão, ver PUJOL, *Tolérer l’intolérant*.

⁴⁰ VOLTAIRE, *Sermão dos cinquenta*, p. 235.

⁴¹ *Ibidem*, p. 252.

pelo “furor de dominar sobre os espíritos, o fanatismo e o tempo”⁴². Suas multidões de seitas “combatem-se, degolam-se, assassinam-se. [...] Tal é o fruto [...] da árvore da cruz”⁴³. Importante perceber que Voltaire mantém aqui a mesma posição dura contra o cristianismo que apresentou na *Épître à Uranie*, de 1722, ou seja, quarenta anos antes da publicação desse *Sermão*, quando o autor dirigia-se a Deus nos seguintes versos: “Eu não sou cristão, porém é para melhor te amar”⁴⁴.

Todo esse ímpeto voltairiano no combate aos textos bíblicos é a tradução de uma época que assistiu aos casos Calas, Sirven, La Barre e etc., todos esses proporcionados, como afirma Mortier, “pelo verdadeiro terror da ortodoxia”.⁴⁵

O que o Iluminismo combate no sistema da religião ortodoxa? Falta a esse sistema o próprio núcleo da certeza religiosa, a prática moral, pois o Iluminismo considera que a fé consiste em ter determinadas doutrinas por verdadeiras e encerra a fé no dogma. Essa limitação faz da religião uma opinião, diz Cassirer, “privando-a de sua virtude própria, que é a prática moral. Quando essa virtude é atuante, quando ela se manifesta em sua força e em sua verdade, estamos muito além das representações e dos conceitos religiosos”⁴⁶. O Iluminismo, de modo geral, e Voltaire, em particular, converte essa ideia em argumento supremo a favor da noção segundo a qual “o âmago da religião e da moralidade não depende das representações particulares da fé”⁴⁷. A polêmica contra o dogma não tem a pretensão de tão somente destruir, deseja construir: a partir da estreiteza do dogma, o homem avança para a liberdade de consciência religiosa, verdadeiramente universal. Pois, quando o testemunho dos textos bíblicos contradiz a moral, é necessário resolver o problema a partir da manutenção do primado da consciência moral. Explica Cassirer:

Se esse primado for abandonado, terá que se renunciar também a todo critério de verdade religiosa e ficamos, nesse caso, desprovidos de toda e qualquer referência para julgar o valor de uma pretensa revelação e até mesmo, no interior da religião, para distinguir a verdade da impostura.⁴⁸

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ VOLTAIRE, *Épître à Uranie*, p. 498.

⁴⁵ MORTIER, *Voltaire et la Bible*, p. 125.

⁴⁶ CASSIRER, *A filosofia do Iluminismo*, p. 226.

⁴⁷ Ibidem, p. 227.

⁴⁸ Ibidem, p. 228.

O que conduzirá toda interpretação bíblica no Iluminismo será a ideia segundo a qual tudo o que expressa a obrigação de um ato, que seja contrário à consciência moral, deve ser rejeitado. Voltaire levou esse princípio da crítica ética da Bíblia às últimas consequências em suas obras, combatendo pela primazia da moralidade, fazendo a filosofia irmanar-se da religião, pois, em Voltaire, desarmar a mão ensanguentada do fanatismo, possibilitando uma relação pacífica entre os homens, é obra da filosofia.

Referências bibliográficas

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Tradução Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LEROUX, Serge. Un Dieu rémunérateur et vengeur comme fondement de la moral: de la philosophie de Newton à la moral de Voltaire. In: KÖVING, Ulla et MERVAUD, Christiane (Dir.). *Voltaire et ses combats* (Tome I et II). Oxford: Voltaire Foundation, 1997.

MORTIER, Roland. Voltaire et la Bible. In: *Le coeur et la raison*. Paris: Voltaire Foundation, 1990.

MOTA, Vladimir de Oliva. *Voltaire e a crítica à metafísica: um ensaio introdutório*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

_____. Voltaire e o duplo discurso sobre Deus. In: MENEZES, Edmilson; OLIVEIRA, Everaldo de (Org.). *Modernidade filosófica: um projeto, múltiplos caminhos*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2011.

PUJOL, Stéphane. Tolérer l'intolérant. De la pétition de principe aux actualisations littéraires. In.: RENWICK, John (Org.). *Voltaire la tolérance et la justice*. Louvain: Éditions Peeters, 2011.

SOUZA, Maria das Graças de. *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Moderna, 1993.

VOLTAIRE. *Elementos da filosofia de Newton*. Tradução Maria das Graças de Souza. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

_____. Épître à Uranie. In: *Les oeuvres complètes*. Oxford: Voltaire Foundation, 2001.

_____. Il faut prendre un parti. In: *Lettres Philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006.

_____. Le Philosophe ignorant. In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Lettres philosophiques. In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Poème sur la loi naturelle. In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Sermão dos cinquenta. Tradução de Vladimir de Oliva Mota. In: SANTOS, Antônio Carlos dos (Org.). *O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade*. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. Traité de métaphysique. In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Traité sur la tolérance. In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

Recebido em: 17/07/2014 – Received in: 07/17/2014

Aprovado em: 31/07/2014 – Approved in: 07/31/2014